

Coluna do Castello

Ser esperto não é ser hábil

O senador Humberto Lucena, autor da emenda que pretende manter o presidencialismo como sistema de governo, recebeu ontem pela manhã do ministro Ronaldo Costa Couto a garantia de que não existe acordo algum firmado pelo presidente José Sarney com o PMDB para aprovação do parlamentarismo com cinco anos de mandato. "O que existe é a falsa encenação de um acordo que não foi e que não será feito", observa o senador. Ele atribui isso ao "desespero" dos parlamentaristas que "querem evitar a derrota".

O que diz Lucena foi dito anteontem à noite pelos ministros Antônio Carlos Magalhães e Prisco Viana a mais de 60 deputados do PFL, reunidos pelo líder do partido na Câmara, José Lourenço. "Vamos bater chapa", prometeu Antônio Carlos. "Sarney é presidencialista e assim permanecerá", assegurou Prisco Viana. Costa Couto disse a Lucena que o governo atuará para dissipar a impressão de que Sarney aceitou o parlamentarismo em troca do mandato de cinco anos.

A história do acordo que foi sem nunca ter sido, mas que ainda pode acabar saindo, tem a ver com o estilo mais para o esperto do que para o hábil do atual presidente da República. Como ele, também Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, por exemplo, cultivaram o hábito de afirmar uma coisa aqui, outra acolá. Na semana passada, Ulysses sugeriu à direita do PMDB sua concordância com a fórmula do parlamentarismo com cinco anos para Sarney. "É o mais sensato", disse.

Para a esquerda, Ulysses soprou que o parlamentarismo pode ser o melhor caminho para a realização da eleição presidencial até novembro. Tancredo subiu no palanque das diretas já ao mesmo tempo que conspirava por uma saída política que passasse pela via indireta do Colégio Eleitoral. Tancredo obteve o que queria. Ulysses age para manter o PMDB unido, sem o que não poderá pensar em suceder Sarney ou em tornar-se primeiro-ministro no parlamentarismo. Está perto de obter o que quer.

O que quer Sarney? Sem dúvida nenhuma, quer ficar cinco anos no Palácio do Planalto. Se possível, quer continuar governando com plenos poderes. A falta de autoridade que exhibe no exercício do cargo vai-lhe custar a maioria dos poderes que hoje detém e pode acabar lhe custando o quinto ano de mandato. Onde pensa que está sendo hábil, está sendo na verdade desastrosamente esperto.

Até o início da semana passada, a Constituinte estava dividida quase ao meio entre parlamentaristas e presidencialistas. A semana fechou com o parlamentarismo em vantagem. Foi Sarney quem o impulsionou ao admitir aceitá-lo em conversas que teve até mesmo com sólidos presidencialistas, como os deputados Expedito Machado (PMDB-CE) e José Geraldo (PMDB-MG). Ulysses aproveitou a brecha fornecida por Sarney para enxaixar, ali, a unidade do PMDB. Ajudaram-no alguns governadores.

Na raiz do que agora ocorre está o pecado original de Sarney de ter rompido o pacto político estabelecido para gerir a transição. Se o tivesse respeitado, uma decisão da Constituinte pelo presidencialismo ou pelo parlamentarismo, pelos quatro ou pelos cinco anos de mandato, não representaria derrota alguma nem para ele nem para o governo. O pacto previa o respeito à soberania da Constituinte, e o presidente não tem feito outra coisa que não seja desrespeitá-la.

Ao mesmo tempo que diz estar disposto a acatar o que ela decidir, insinua em discursos e em encontros privados que não acatará o mandato de quatro anos e que os militares poderão intervir para impedir a eleição ainda este ano. Recentemente, em conversa com um amigo, observou que o presidente João Goulart acabou deposto porque quis evitar derramamento de sangue. Quanto a ele, estava pronto para começar derramando, se necessário, seu próprio sangue.

Que ninguém leve isso a sério, é claro. O presidente preservará o seu e o sangue de todos os brasileiros. Quanto ao salários, bem... a sangria provocada pela inflação não depende só dele. De toda forma, por causa da administração malsucedida que Sarney faz em pouco mais de três anos, o país que um dia anoiteceu como Império e amanheceu como República, diante de cidadãos bestificados, pode estar às vésperas de vir dormir presidencialista e de acordar parlamentarista. O espanto não será menor.

O acordo que o governo nega estar feito prospera no nível interno do PMDB e emite sinais de que irá produzir uma maioria capaz de aprovar o parlamentarismo nesta terça-feira ou no dia seguinte. Se a ele o governo quiser aderir, muito bem — o mandato de cinco anos ficará ao alcance da mão de Sarney. Caso contrário, crescerão as chances de o parlamentarismo vir acompanhado do mandato de quatro.